

Investigadora integra estudo que revela a possibilidade de reverter sintomas do autismo em idade adulta

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18-02-2016

Melo: Campeão das Províncias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=24c33935>

Detalhes Criado em 18-02-2016 Escrito por CP Patrícia Monteiro, do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) da Universidade de Coimbra (UC), é a única portuguesa integrante de uma equipa de cientistas norte-americanos que investigaram o gene Shank3 (um dos genes implicados no autismo), que revelou que é possível reverter alguns comportamentos ligados a essa doença, mesmo já na fase adulta. O autismo é, até ao momento, uma patologia sem cura que afecta cerca de 70 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo que em Portugal estima-se que a prevalência seja de um caso em cada 1000 crianças em idade escolar. Este estudo, que foi ontem (17) publicado na revista "Nature", traduziu-se numa abordagem pioneira, já que tentou perceber se valia a pena apostar em terapias direccionadas para a fase adulta dos doentes, já que o autismo se trata de uma doença neuropsiquiátrica que compromete o normal desenvolvimento da criança e que permanece durante toda a vida. Durante quatro anos, a equipa de investigadores realizou experiências em ratinhos adultos, que foram sujeitos à mutação do gene Shank3, mostrando, "pela primeira vez, ser possível reverter dois dos principais sintomas do autismo: ausência de interacção social e comportamentos repetitivos", revela a UC. "Apesar da origem do autismo ser bastante variável, o gene Shank3 está associado a uma forma monogénica da patologia. Quando surge uma mutação, a proteína resultante deste gene - que funciona como um 'andaime' que dá acesso à comunicação entre neurónios - deixa de suportar a estrutura, causando danos no circuito neuronal", explica a instituição de ensino, através de comunicado. Ou seja, os investigadores conseguiram consertar o "andaime" e restabelecer a comunicação na estrutura "durante a fase de vida adulta desses ratinhos, demonstrando que é possível reverter as alterações bioquímicas, problemas de comunicação neuronal e mesmo melhorar as interacções sociais e comportamentos repetitivos", descreve Patrícia Monteiro, que participou no estudo ao abrigo do Programa Doutoral em Biologia Experimental e Biomedicina do CNC em parceria com o MIT (Massachusetts Institute of Technology). A coautora do estudo realça que esta descoberta "abre portas para a criação dos primeiros medicamentos eficazes no tratamento da doença. Estes resultados indicam que, embora o autismo seja uma perturbação do desenvolvimento, é possível intervir na sua fase adulta". "Ainda que estas experiências em ratinhos não tenham aplicação directa nos humanos", Patrícia Monteiro sublinha que o estudo "ajuda a compreender o conjunto de alterações biológicas presentes no autismo e abre portas para o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas, como por exemplo estratégias direccionadas para a melhoria de certas alterações comportamentais passíveis de serem revertidas em fase adulta e não para o quadro de alterações comportamentais do autismo como um todo". A participação portuguesa nesta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), já as entidades norte-americanas financiadoras foram: Poitras Center for Affective Disorders Research at MIT, Stanley Center for Psychiatric Research at Broad Institute of MIT and Harvard, National Institute of Health, Nancy Lurie Marks Family Foundation, Simons Foundation Autism Research Initiative (SFARI) e Simons Center for the Social Brain at MIT.

Criado em 18-02-2016